

## Rede de Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares: um caso brasileiro

The Network of Incubators of Popular Cooperatives: A Brazilian case

Luiz de Oliveira Atualpa<sup>1</sup>

ataualpa\_luiz@yahoo.com.br

---

**Resumo.** No Brasil, na década de 1990, as cooperativas populares ganharam força. Parte desse processo se deve ao apoio das Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares, entidades que formam a Rede de ITCPs. Esses grupos têm sua atuação pautada nos princípios do cooperativismo e nos fundamentos da economia solidária. Este artigo é resultado do estudo dos vínculos sociais constituintes e mantenedores da Rede de ITCPs, que no ano de 2010 possuía 42 afiliadas, com representantes nas cinco grandes regiões geográficas do Brasil. Acredita-se que o estudo dos vínculos sociais na estrutura da rede social, embasados na perspectiva psicossociológica, pode dar indícios do processo de formação e manutenção dessa Rede. Propôs-se uma investigação por meio de entrevistas semiestruturadas com representantes das ITCPs participantes da Rede, com o intuito de examinar as relações formais e informais dentro dessa Rede. Os entrevistados foram selecionados a partir de um sociograma e da estratificação das entidades filiadas à Rede, sendo entrevistados 13 representantes de ITCPs que a constituem. Os resultados apontam para aspectos vinculadores de um projeto coletivo de representatividade política e troca de informação e experiência.

**Palavras-chave:** Rede ITCP, Rede Universitária de Incubadoras no Brasil, Vínculos sociais.

**Abstract.** Since the 90s, popular cooperatives in Brazil have been gaining strength. Part of this process is due to the support of Technology Incubators of Popular Cooperatives, groups that form the ITCPs Network. These groups have their actions guided by the principles of the social economy. This article is the result of the study of social ties constituents and supporters from ITCPs Network which, in 2010, had 42 affiliates, with national representation in Brazil. It is believed that the study of social bonds in the structure of social network, based on psychosocial perspective, can indicate the formation and maintenance of this Network. It was proposed an investigation through semi-structured interviews with representatives of the Network ITCPs participants, aiming at examining the formal and informal relationships inside this network. Respondents were selected from a sociogram and affiliated entities in the network. The results indicate bonding aspects of political representation and exchange of information and experience.

**Key words:** UIPC Network, University Incubators Network's in Brazil, Social ties.

---

<sup>1</sup> Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sudeste de Minas Gerais (IFSudeste-MG). Rua Américo Davim Filho, s/n, 36301-358, São João Del Rei, MG, Brasil.

## Introdução

No Brasil, as ações do associativismo e do cooperativismo popular desenvolveram-se efetivamente a partir da década de 1990, muitas delas impulsionadas e apoiadas por entidades que se articulam em uma Rede. Esta é constituída e mantida sem uma estrutura física formal, mas que funciona e é reconhecida em âmbito nacional e internacional.

Tais entidades apoiadoras, as incubadoras de cooperativas populares se apresentam e desenvolvem suas ações no contexto da crise do emprego, com altas taxas de desemprego, subemprego e precarização do trabalho e dos trabalhadores, entre outras consequências vividas nas últimas décadas no Brasil. O trabalho dessas entidades visa a articular formas e possibilidades alternativas de geração de trabalho e renda para indivíduos excluídos, precarizados e sem meios, *a priori*, de inserção efetiva no mercado de trabalho.

Nesse sentido, a partir da década de 1990, observou-se um crescimento considerável no número desse tipo de organização e grande parte das novas incubadoras encontra-se, atualmente, vinculada à Rede Universitária de Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas, também denominada de Rede de ITCPs ou Rede Universitária de Incubadoras. Essas entidades articuladas em torno da Rede de ITCPs tem abrangência nacional, com representantes nas cinco grandes regiões geográficas do Brasil, possuindo 42 incubadoras afiliadas no início de 2010.

Neste estudo, a configuração da Rede de ITCPs é analisada, tendo como base as menções estruturais e dinâmicas das Redes sociais que se apresentam como um conjunto de nós ou atores (pessoas ou organizações) ligados por relações sociais ou laços de tipos específicos. O objetivo deste trabalho foi compreender os tipos de vínculos que formam e mantêm a Rede de ITCPs, haja vista que essa estrutura se apresenta de forma organizada e com certo grau de coesão entre seus participantes, sem, contudo, estar legalmente constituída enquanto uma organização convencional.

Vale ressaltar que, neste texto, opta-se por observar as relações estabelecidas nesse cenário, sem, entretanto, entrar num debate mais aprofundado sobre questões analíticas de caráter político e/ou individual, ainda que, em alguns momentos do presente trabalho, menções a tais questões se façam necessárias.

A escolha por um estudo que abarque o tema das relações de vínculo na Rede Uni-

versitária de Incubadoras Populares surge em um momento de significativo crescimento dessa entidade, em que o debate sobre desafios, limites e avanços aparece como pauta em diversos momentos.

Desse modo, acredita-se, entre outros aspectos, que o presente texto ganha relevância, pois o número de incubadoras vem crescendo no Brasil e em outros países, fato alicerçado na disseminação da tecnologia social brasileira de incubação. Além disso, a atuação da Rede procura estimular e orientar metodologicamente a extensão universitária em seu compromisso com o desenvolvimento social, por intermédio das ITCPs, na articulação entre teoria e prática para alunos, técnicos e professores universitários. Dentre outros aspectos, ressalta-se ainda a possibilidade de contribuição para o debate interno sobre a estrutura adotada pela Rede de ITCPs a partir de um entendimento da forma como as entidades participantes se vinculam com a estrutura da Rede e também com seus pares.

Como forma de elucidar as questões pertinentes à temática deste trabalho, partiu-se da delimitação de uma população total, a saber: as organizações participantes da Rede ITCPs para uma amostra significativa. Assim, do número total de incubadoras filiadas à Rede no ano de 2010, 42 ITCPs, optou-se por buscar uma amostra que pudesse representar o universo da Rede. Para tanto, utilizou-se da análise de um instrumento de comunicação virtual e de livre acesso aos participantes das incubadoras, sendo esse um grupo virtual denominado “Rede ITCPs”. Na análise das informações constantes nesse grupo de debate, foram verificadas mensagens identificadas como de relação direta, em que uma incubadora (remetente) se comunicava diretamente com uma ou demais incubadoras, sendo identificados os destinatários.

Paralelas a esta análise, foram coletadas informações sobre o tempo de filiação das 42 ITCPs na estrutura da Rede. Com os dados em mãos, as incubadoras foram categorizadas em três estratos: Pioneiras, Intermediárias e Novatas. Essa classificação se deu a partir do tempo de filiação junto à Rede Universitária de ITCPs.

Essas duas etapas tiveram como principal objetivo auxiliar na eleição de uma amostra de incubadoras, as quais seriam convidadas a participar de entrevistas semiestruturadas.

Diante de tais considerações, o presente artigo se estrutura em sete partes, incluindo esta Introdução. Na parte subsequente, trata de apresentar as incubadoras, bem como a

Rede universitária de ITCPs. Na terceira passagem deste texto, o debate teórico sobre Redes sociais é travado, sendo seguido por uma breve contextualização dos vínculos sociais. Na quinta seção, é apresentada a metodologia do estudo, sendo acompanhada dos seus resultados. Na última parte, algumas considerações finalizam o presente texto.

### **A formação das Incubadoras e a constituição da Rede Universitária de ITCPs**

Envoltas em um processo de exclusão, falta de oportunidades e altas taxas de desemprego, desenvolvem-se as Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares, inseridas em instituições de ensino superior, públicas e privadas. Pode-se dizer que tais entidades assumem um papel de apoio a grupos e a comunidades em oposição ao contexto desfavorável vivido.

Para Singer e Souza (2000), iniciativas como o surgimento das incubadoras de cooperativas populares assinalam uma reação dos movimentos sociais frente às diversas transformações no mundo do trabalho, em especial a crise da década de 1980, com alta taxa de desemprego, a qual parece ter sido agravada pela abertura do mercado interno para as importações nos anos 1990.

Entretanto, deve-se observar o fato de que o movimento de incubação no Brasil não se restringe, exclusivamente, a cooperativas populares. Além destas, existem, ainda, incubadoras de base tecnológica, de economia de setores tradicionais, as mistas, que congregam as duas últimas, e as incubadoras privadas (Almeida, 2005). Cada tipo de incubadora atua e assume posturas diferenciadas, não sendo o foco deste trabalho apresentar cada tipo de incubadora existente.

Essa diversidade, para Almeida (2005), se deve, em parte, ao modo como diferentes tipos de organizações se envolveram com o processo de construção e utilização das incubadoras. De modo particular ao objeto do presente estudo, pode-se mencionar o aspecto relacional presente nas ITCPs, em que a universidade, o poder público, a sociedade civil organizada e a população assistida têm a possibilidade de interagir em um espaço, a princípio, democrático.

Nesse sentido, ainda para Almeida (2005), uma das principais características do movimento de incubadoras no contexto brasileiro se deve ao fato de sua criação, ou do início de

seu processo, estar atrelada ao que a autora denomina de “força que vem de baixo”, sendo estimulado, assim, por grupos locais e comunitários, que apontavam para a necessidade de mudanças nas políticas públicas de atenção às comunidades e indivíduos menos favorecidos, como foi o caso específico das Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares, o qual será mencionado a seguir.

De acordo com Singer e Souza (2000), teve início, em 1992, a proposta incipiente de elaboração e implementação do que mais tarde viriam a ser as ITCPs a partir de campanhas e mobilizações sociais em benefício da dignidade humana e da cidadania contra a exclusão social, o desemprego, a fome e a miséria, lideradas pelo sociólogo Herbert de Souza, o Betinho, que lançou as bases para impulsionar em nossa sociedade sentimentos de cooperação e solidariedade (Barros, 2003; Cruz, 2004; Guimarães, 2002).

Assim, como menciona Oliveira (2006), um marco importante desse processo foi a constituição do Comitê de Entidades no Combate à Fome e Pela Vida (COEP), em 1993, como resultado do Movimento pela Ética na Política e no Âmbito da Ação da Cidadania. Esse Comitê incentivou o surgimento de várias organizações coletivas de trabalhadores brasileiros, dentre as quais se destacaram algumas cooperativas populares, como é o caso da Cooperativa dos Trabalhadores Autônomos do Complexo de Manguinhos (COTRAM), fundada na favela de Manguinhos, no Rio de Janeiro.

Esse mesmo autor comenta que ela pode ser considerada a primeira cooperativa popular da era contemporânea com reconhecimento nacional, ou seja, a primeira a ser reconhecida como “uma cooperativa de fato, criada e gerenciada por trabalhadores que são moradores de localidades onde o tecido social apresenta grande número de pessoas com altos níveis de exclusão social, desemprego e pobreza” (Oliveira, 2006, p. 68).

No contexto incipiente e de formação das primeiras incubadoras populares, era recorrente o questionamento de que o assistencialismo não era suficiente para solucionar os problemas de miséria, fome, violência, injustiça social, desigualdades e, principalmente, desemprego, o que levou os integrantes da Coordenação de Pesquisa e Pós-Graduação de Engenharia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (COPPE/UFRJ), com o apoio de instituições de fomento à pesquisa e organizações não-governamentais, a se unirem em torno de

objetivos comuns para realizar experiências de geração de trabalho e renda que envolvessem a solidariedade e a cooperação na favela de Manguinhos, no Rio de Janeiro, como já citado. Por essa iniciativa, vislumbrou-se, posteriormente, a possibilidade de se organizarem, com o objetivo de apoiarem outras iniciativas econômicas que tivessem os princípios da autogestão e do cooperativismo popular como proposta (Barros, 2003; Cruz, 2004; Guimarães, 2000). Surgia, então, o que conhecemos hoje como Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares.

Pode-se dizer, assim, que o sucesso desse trabalho culminou com o desenvolvimento da Cooperativa Popular de Manguinhos, levando os idealizadores desse projeto alternativo de geração de trabalho e renda, vinculados à UFRJ, a criarem, em 1995, a primeira Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares (ITCP) do país (Barros, 2003; Cruz, 2004; Guimarães, 2000, 2002).

Nesse cenário, Guimarães (2000) comenta que, no processo inicial da ITCP-UFRJ, houve grande procura, por parte de algumas universidades e governos, sendo iniciado o debate junto a fontes de fomento para articular projetos semelhantes ao desenvolvido na comunidade de Manguinhos. Para esse autor, a pressão foi “positiva e começou-se a amadurecer a ideia da montagem de incubadoras em outras universidades” (Guimarães, 2000, p. 114).

Dando prosseguimento a esse passo histórico, entre os anos de 1997 e 1998, foram criadas cinco outras incubadoras. O impulso dado para a constituição de novas incubadoras ocorreu graças ao Programa Nacional de Incubadoras de Cooperativas Populares (PRO-NINC) (Guimarães, 2000).

Até o início do ano de 1999, as incubadoras de cooperativas populares constituídas até aquele momento ainda não se articulavam na estrutura de uma Rede Universitária. Elas, basicamente, atuavam de forma isolada, tendo apenas como vínculo maior a ligação parental com o modelo da incubadora da UFRJ.

A Rede de Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares, como se conhece hoje, teve seu começo a partir dos meados do ano de 1999. Seu início está vinculado à Fundação Unitrabalho no desenvolvimento do Programa Rede de ITCPs e Economia Solidária (Oliveira, 2006). Nesse começo, pode-se dizer que a Rede de ITCPs esteve vinculada à Unitrabalho por meios institucionais e financeiros.

Contudo, por diversos motivos, a Rede de ITCPs não se manteve por muito tempo atrela-

da à estrutura Unitrabalho. Esse processo culminou, ao final do ano de 2002, na separação oficial da Rede de ITCPs da Rede Unitrabalho. Para Cruz (2004), os motivos que levaram a essa separação são discutíveis, e, segundo esse autor, “totalmente equivocados”. E complementa: “algumas ITCPs escolheram participar de uma ou outra Rede, e outras incubadoras optaram por permanecer em ambas” (Cruz, 2004, p. 44). O mesmo argumento é compartilhado por Barros (2003, p. 118), quando afirma que “apenas algumas Incubadoras vinculadas à Rede de ITCPs mantêm algum tipo de relação ou contato com a Unitrabalho”.

Apesar de serem encontradas organizações que compartilham da participação em ambas as estruturas, atualmente, essas Redes permanecem formalmente separadas, seja na atuação, seja no modo de gestão das Redes. Sinalizando esse fato, Oliveira (2006) argumenta que, enquanto a Rede de ITCPs procura adotar um método mais participativo, com características contemporâneas (horizontalizado), distribuindo o poder da Rede em várias regionais no Brasil e adotando uma estrutura colegiada de organização, a Unitrabalho preconizava e implantava uma configuração de gestão tradicional (verticalizada). Esses aspectos, entre outros, podem sinalizar para o fato de a estrutura inicial que agregava as duas estruturas já citadas ter se desmembrado. Além disso, observa-se que diferenças ideológicas e de perspectiva de entendimento e atuação no cenário da economia solidária encontram-se, também, no cerne dessa questão.

Após a separação das Redes, verificou-se que a Rede Universitária de Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares (Rede ITCPs) vem passando por um considerável crescimento, seja em número de entidades filiadas, seja em abrangência e em atuação.

Dessa forma, com o passar dos anos, as atividades da Rede Universitária de ITCPs foram ganhando forma e se disseminando. No princípio, verificou-se uma concentração maior de organizações nas regiões Sul e Sudeste, contabilizando-se 11 incubadoras. Com o passar de cinco anos de atividades, esse número era de 19 ITCPs. Após oito anos de funcionamento, observa-se uma expansão considerável da Rede, passando esta a contar com 32 organizações. No ano de 2009, a Rede de ITCPs possuía em seu quadro 42 Incubadoras de Cooperativas Populares, podendo ser observada uma participação maior de entidades de outras regiões do Brasil.

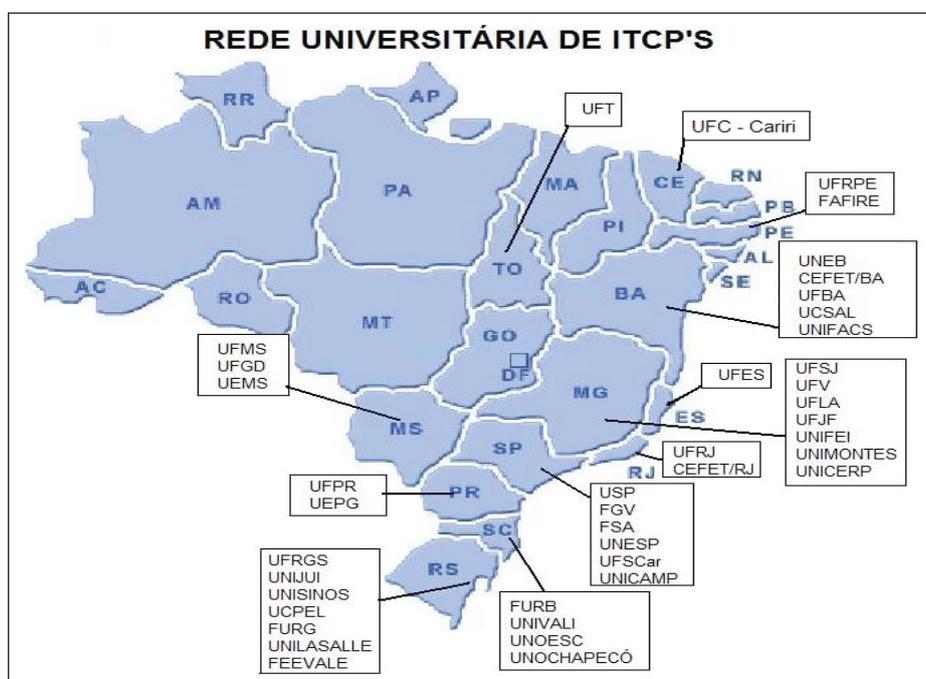
Como forma de ilustrar a distribuição geográfica até o início do ano de 2010 das Incubadoras filiadas à Rede Universitária, é apresentada a seguir uma figura ilustrativa, sinalizando a abrangência no Brasil, com presenças nas regiões Sudeste, Sul e Nordeste e, mais recentemente, nas regiões Centro-Oeste e Norte das ITCPs afiliadas à Rede.

A Rede Universitária de Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares possui, atualmente, desafios internos e externos. Porém, sua inserção e visibilidade ganham contornos internacionais. Isso graças a seu modelo inovador de atuação e à abrangência de ações. Assim, observa-se que o contexto de inserção da Rede Universitária de Incubadoras é, por um lado, oportuno para o seu desenvolvimento e crescimento e, por outro, pode ser visto como incerto. A oportunidade é visualizada a partir da tendência de que os precários níveis socioeconômicos, profundamente deteriorados pelo modelo político-econômico, tendem a se aprofundar ainda mais, sem mencionar a atual crise financeira pela qual passa a sociedade internacional e que, ao que parece, demonstra sinais de continuidade e reflexos em médio prazo.

No caso específico do contexto brasileiro no qual índices sinalizam para um crescimento com melhoria de vida dos mais pobres, os desafios apresentados vão para a ordem de uma consolidação das ações da economia solidária, principalmente das ações das incubadoras frente a grupos e/ou comunidades assistidas. Com isso, a Rede e seus integrantes ganham importância e podem se potencializar para conseguir espaço nos diversos setores, como universidades, agências de desenvolvimento e instituições de fomento.

### Um debate sobre as Redes sociais

Na década de 1960 e com mais vigor na década de 1980, a literatura mostrou que as ligações entre indivíduos, entidades e organizações estruturam as mais variadas situações sociais, influenciando o fluxo de bens materiais, ideias, informação e poder (Scott, 1992; Freeman, 2002). Tais ligações se configuram em estruturas de redes e o caráter relacional parece sinalizar como ponto basilar no estudo de Redes sociais. Assim, a formação e os vínculos que unem os atores e a expectativa deles junto à Rede social à qual estão atrelados



**Figura 1.** Representação das ITCPs por Estado até o início do ano de 2010.

**Figure 1.** Representation of ITCPs by State until the beginning of 2010.

Fonte: Dados da Pesquisa. Nota: Deve-se observar que, no caso da UNESP, existem *campi* diversos, o que pode causar uma variação no número total de ITCPs representadas na Figura 1.

se constituem em objeto do presente estudo. Especificamente, acredita-se que o conhecimento desenvolvido no debate sobre os vínculos da Rede pode auxiliar na elucidação de aspectos constituintes da Rede Universitária de ITCs, ou seja, fomentar ações que contemplem o significativo aumento no número de entidades filiadas, pelas quais a divulgação de aspectos históricos e vinculares favorecerá o fortalecimento da identidade dessa Rede.

Entre os estudos pioneiros sobre Redes sociais, destacam-se os trabalhos: *The Strength of Weak Ties*, texto revisado e republicado em 1983, e *Getting a Job*, publicado em 1974, ambos do sociólogo norte-americano Mark Granovetter. Nesses estudos, o autor introduziu a discussão sobre a importância e o papel das Redes na bibliografia sobre mercado de trabalho, assim como o papel das Redes na promoção e acesso a oportunidades existentes na estrutura social e econômica. Outro texto referencial no estudo de Redes foi escrito por Ronald Burt em 1992 na construção da sua teoria sobre os “vazios estruturais” – *Structural holes* –, na qual uma importante contribuição diz respeito à compreensão de que pessoas diferentes podem se encontrar desconectadas numa estrutura social. Nesse sentido, o “vazio estrutural” deve ser visto como uma oportunidade de agenciar o fluxo de informação e controlar os projetos e as formas que trazem em conjunto tais pessoas.

Há que se atentar para o fato de que as Redes sociais não podem e nem devem ser entendidas, unicamente, pelo viés econômico, ou seja, a cooperação entre diversos atores existe para além de objetivos econômicos. Nessa perspectiva, pode-se dizer que as Redes assumem nas ciências sociais noções variadas como formas específicas de interação entre indivíduos, Redes urbanas, Redes organizacionais e movimentos sociais, entre outros. Apesar do grande número de definições, há, como um sentido predominante que as une, a ideia de ligação, laço e integração.

De acordo com Granovetter (1985), os atores se comportam e tomam decisões dentro de um contexto social determinado e não devem ser tomados como átomos isolados. Ao contrário, as organizações agem no interior de um sistema de relações concretas e em permanente desenvolvimento. As Redes sociais se apresentam como um

*conjunto de nós ou atores (pessoas ou organizações) ligados por relações sociais ou laços de tipos específicos. Um laço ou relação entre dois atores*

*tem forma e conteúdo. O conteúdo inclui informação, conselho ou amizade, interesses compartilhados ou pertencimentos e, tipicamente, algum nível de confiança (Granovetter et al., 2000, p. 219).*

Junqueira (1996) argumenta que a articulação dos nós, na figura dos atores/sujeitos na Rede, é uma construção coletiva, que se define na medida em que é realizada. Sua verdade está na sua concretização, na superação das determinações sociais mediante o estabelecimento de parcerias entre sujeitos individuais ou coletivos, mobilizados por objetivos construídos e apropriados coletivamente, para a construção de uma nova realidade social (Junqueira, 1996, p. 64).

Dabas (1995) comenta que a dinâmica relacional em Redes implica um processo de construção individual e coletiva permanente. Um sistema aberto que possibilita, por meio do intercâmbio entre seus membros e com os membros de outros grupos sociais, uma potencialização dos recursos humanos, sociais e econômicos, em que: “o contexto social retroalimenta as percepções da realidade e vai criando signos, sinais, indicadores, através dos quais os jovens aprendem a construir o mundo e atuar nele” (Dabas, 1997, p. 64).

No contexto de Redes sociais, como já afirmado anteriormente, a fluidez e a diversidade são características dessas estruturas (Barnes, 1987). Assim, por seu caráter complexo, a Rede pode envolver atores sociais heterogêneos, ligados por características diversas, tais como: o parentesco, a amizade, a etnia e a identidade. Esse caráter heterogêneo dos atores que constituem uma Rede pode influenciar na diversidade de formas e relações dentro de uma estrutura em rede.

Neste ponto, faz-se necessário o resgate do conceito de laços, apresentado por Granovetter (1983), pois, dependendo do tipo de relação, os laços podem proporcionar a redundância em informações ou a oxigenação dos contatos. Logo, o conceito de laços fracos – *weak ties* – pode ser tratado como os laços superficiais ou casuais que se caracterizam por pouco investimento emocional e como sinônimo de diversidade. Esse tipo de laço agrega, ainda, valor ao conectar cada ator a outros atores que fornecem diferentes fontes de informação. Em outros termos, os laços fracos ligam pessoas com menos afinidades e têm o potencial de colocar grupos homogêneos em contato, ampliando a possibilidade de difusão de conhecimento, de mobilidade e de coesão social.

Por outra via, as relações fortes são ligações entre pessoas com afinidades e semelhanças, que tendem a formar grupos homogêneos e fechados. A tese de Granovetter (1983) é de que uma sociedade organizada preponderantemente com base em laços sociais fortes tende, paradoxalmente, à desagregação devido ao isolamento dos grupos em si mesmos.

Burt (1992) observa, nessa direção, que, quando o contato é feito entre pessoas ou “nós” de pessoas que já se conhecem, é muito provável que as informações compartilhadas sejam as mesmas. Tais contatos são redundantes e novas rotas de acesso às informações e recursos não são criadas, visto que o ciclo de contato e relacionamento está fechado na estrutura criada.

Até esse momento, o aspecto relacional dentro de Redes figura por sua forma e conteúdo, podendo ser relações de natureza forte ou fraca. Mas, para Burt (1992), a Rede não é consequência, apenas, das relações que de fato existem entre os atores ou “nós”; ela é também o resultado da ausência de relações, da falta de laços diretos entre dois atores, o que Burt (1992) denominou de “vazio estrutural”. E, para entender a noção de “vazio estrutural” de Ronald Burt, é importante a compreensão de que pessoas diferentes podem se encontrar desconectadas numa estrutura social.

Portanto, em uma Rede, podem existir “nós”, atores, que não possuam contato direto entre si, estando configurado, então, o “vazio estrutural”, o que parece sinalizar uma falha na estrutura. O “vazio estrutural” pode, ainda, representar uma oportunidade de agenciar o fluxo de informação e controlar os projetos e as formas que trazem em conjunto tais pessoas, pois, no trabalho de Burt (1992), o acesso às novas informações é uma importante dimensão na aplicação de estratégias nas Redes.

A abordagem de Burt (1992) parece assumir uma perspectiva na qual a Rede parte do indivíduo. Entretanto, para a construção da teoria dos “vazios estruturais”, o autor amarra essa perspectiva à noção de rotas de acesso para outras Redes.

É importante destacar que, para Burt (1992), existem dois benefícios que decorrem das Redes – os de informação e os de controle –, tendo funções de indicadores de redundância: a coesão e a equivalência estrutural. Os contatos de coesão retêm as mesmas informações e, portanto, fornecem redundantes benefícios. E na equivalência estrutural, as fontes de informação, sendo as mesmas, não propiciam benefícios diferenciados.

## Buscando uma compreensão sobre os vínculos sociais

Nesta parte do texto, buscar-se-á um melhor entendimento sobre o que vem a ser vínculo, como ele se dá e se mantém. Para tanto, a apresentação do tema ocorrerá no debate das formulações conceituais de vínculo social.

Para Pichon-Rivière (1988), o vínculo possui configuração e função específicas, particulares na relação entre indivíduos. Nas palavras do autor, “vínculo é a estrutura especial onde, entre um sujeito e um objeto, existe uma relação particular, interpessoal, que inclui a relação do sujeito frente ao objeto e do objeto frente ao sujeito, cumprindo os dois uma determinada função” (Pichon-Rivière, 1988, p. 128). Observa-se a característica recíproca no relacionamento vincular, no qual, para além da simples ligação unilateral do sujeito, existe, também, a relação por parte do objeto, fato que parece indicar para dois polos de constituição dos vínculos, um interno e outro externo.

Os vínculos entre os indivíduos, entre estes e seu(s) grupo(s) e entre os próprios grupos são os enlaces necessários para que seja possível construir a humanidade do sujeito. E quando se fala de humanidade, fala-se da condição do ser que nos é possibilitada pela cultura. Para Fernandez *et al.* (2003, p. 44), vínculo é a “estrutura relacional em que ocorre uma experiência emocional entre duas ou mais pessoas”. Logo, os vínculos podem ser compreendidos como relações afetivas e sociais que os indivíduos mantêm entre si e com o(s) outro(s).

Sobre a formação e a manutenção dos vínculos sociais nas organizações, Enriquez (1997) considera três momentos diferentes na história das organizações empresariais que influenciam o modo de atuação das pessoas e, conseqüentemente, os vínculos sociais constituídos em cada um desses momentos. Assim, esse autor interpreta o primeiro momento como sendo das organizações guiadas pela lógica da racionalidade, voltadas para a produção de bens e cedendo pouco espaço para a imprevisibilidade. A organização é, nessa ótica, comparável a uma máquina cujas diversas engrenagens (técnicas e humanas) são perfeitamente substituíveis e que devem funcionar, graças a uma estrutura de previsão e de manutenção, com o mínimo de custos técnicos e sociais (Enriquez, 1997, p. 9).

Ainda sobre o caráter social, pode-se dizer que os vínculos são constituídos pelas inter-relações entre os sujeitos, em sua dinâmica

interna ou externa, ao mesmo tempo em que eles são constitutivos desses sujeitos e de suas inter-relações em um processo de ação recíproca. Guareschi (1999, p. 142) enfatiza a denominação “relação” para dizer que “o ser humano é um ser que se constrói e se constitui a partir de milhões de relações que ele estabelece com todos os seres existentes”. Os vínculos devem ser entendidos, ainda, como sendo as relações entre indivíduos e/ou organizações que tanto influem quanto são influenciados na e pela dinâmica relacional.

Kramer e Faria (2007), em um estudo sobre vínculos organizacionais, apontam alguns aspectos, os quais intitulam de “elementos constitutivos” dos vínculos organizacionais. Dentre eles, interessam-nos, sobremaneira, alguns aspectos para o presente estudo.

Toda análise proposta por Kramer e Faria (2007) se embasa nas perspectivas de Enriquez (1997, 2001). Esse autor comenta que o grupo se forma em torno de uma tarefa ou uma ação a ser executada. A idealização, a ilusão e a crença permitem a construção de um projeto comum. “Para que um grupo se cristalice e se atribua os meios de ação, é necessário que se refira a um grande plano que o assegure de seu poder” (Enriquez, 1997, p. 93). Não importa a natureza da causa, o fundamental é que ela exista para ser defendida. Alguns grupos podem ceder à tentação da paranoia e se denominarem “os melhores” ou se recolherem nos ideais comunitários.

Assim, tendo como referência o trabalho de Kramer e Faria (2007), os elementos citados a seguir foram adaptados como forma de auxiliar a análise proposta no presente estudo. Para tanto, têm-se os seguintes “elementos constitutivos” dos vínculos organizacionais:

(a) *Identificação com a organização*: segundo Enriquez (1991), a identificação é um mecanismo importante não somente para compreender a vida dos grupos, como também o funcionamento do psiquismo, uma vez que esse mecanismo expressa a existência de um laço emocional com outra pessoa. Com base na leitura de Freud, esse autor afirma ainda que “[...] as formações coletivas só são compreendidas se associadas ao mecanismo de identificação e, em particular, a certas formas de identificação primitivas” (Enriquez, 1991, p. 66).

(b) a *Idealização da organização* figura na esfera da crença. Atenta-se para o fato de que a crença, em alguns casos, está próxima da ilusão. Nesse sentido, pautar-se pela ilusão de uma construção “perfeita” pode impedir o

foco nos problemas cotidianos que ocorrem nas estruturas. Assim, a idealização da organização deve ser concebida no fortalecimento do projeto comum.

(c) *Sentimento de Pertença*: neste ponto, poderão aparecer, como características, reações de orgulho no pertencimento, responsabilidade pela organização e defesa ao sinal de críticas, entre outros.

(d) *Cooperação na atividade e solidariedade* se traduz na contribuição para a tarefa grupal (Pichon-Rivière, 1988), ou seja, é o que cada um faz para que o trabalho de todos, dentro da organização, tenha uma função e um objetivo. Conforme Pagès (1976), a formação de vínculos entre os membros de toda organização social está assentada em sentimentos de uma solidariedade que respeita a autonomia individual, aliados a temores que ameaçam a própria possibilidade da solidariedade, como o medo de que o outro seja um traidor ou um grande inimigo.

(e) *Criação de inimigos*: esse é um processo frequente em grupos e organizações. Enriquez (2001) pontua que o estabelecimento de inimigos, externos ou internos, fortalece os vínculos pelo reforço dos sentimentos de identificação e pertença.

(f) *Participação nas decisões*: tal aspecto pode assumir duas formas de análise: uma primeira, pelo aspecto da participação, e uma segunda, especificamente na participação das decisões, com avaliação das formas e canais propícios para tal participação.

(g) *Integração entre os membros*: pode-se ligar esse elemento aos vínculos formais e informais.

(h) *Autonomia*: segundo Kramer e Faria (2007), a autonomia, à medida que proporciona condições para que os indivíduos se organizem para o trabalho da forma definida por eles, cria um campo propício para que estes possam estabelecer vínculos com a organização, preocupando-se com o seu desempenho, suas políticas, seus resultados e seus problemas.

Acredita-se que a utilização desses e de outros elementos possa auxiliar para uma melhor compreensão dos aspectos relacionados à formação e manutenção dos vínculos na Rede de ITCPs. E, a partir da realidade mais bem mapeada e compreendida, ainda que não em sua totalidade, o que também não figura como objetivo desta proposta, espera-se que esta investigação favoreça em alguns aspectos a atuação da Rede de ITCPs e de seus membros, tais como: organização, comunicação, consolidação e disseminação da Rede.

## Metodologia

A abordagem empregada nesta pesquisa se estruturou em procedimentos de natureza quantitativa e qualitativa. A utilização de métodos quantitativos neste estudo visa a fornecer elementos que possam subsidiar a execução dos procedimentos qualitativos, em especial na identificação de atores que possam ser de relevância na elucidação dos objetivos.

Para tal procedimento, utilizou-se da análise de informações contidas em um mecanismo de comunicação formal e de livre acesso a todos os participantes das Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares. Foram analisados os *e-mails* postados entre 20/09/2006 e 28/04/2009, obtendo-se uma amostra de 2.178 mensagens. Esses dados foram tratados no *software* denominado PAJEK, o qual forneceu um sociograma para análise.

Da investigação qualitativa, pode-se dizer que ela é um questionamento contínuo das ações dos sujeitos, com o intuito de perceber os objetivos buscados e as estratégias adotadas para estruturar os seus mundos numa perspectiva social. O objeto de estudo da investigação qualitativa consiste no modo como as pessoas entendem e experimentam “seus mundos”, que, pela heterogeneidade e pela subjetividade humana, formam múltiplas realidades a serem interpretadas. Para tais procedimentos, é requerido do pesquisador, de acordo com Bogdan e Biklen (1994), atenção aos elementos presentes na subjetividade humana. E, para tanto, na dimensão qualitativa, utilizou-se do método de entrevistas semiestruturadas.

A escolha final das 13 Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares, que seriam convidadas a participar da etapa qualitativa deste estudo, foi feita levando-se em consideração os seguintes critérios: (a) Participação na atual coordenação da Rede Universitária de Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares, (b) Tempo de filiação na Rede e (c) Análise do sociograma de relacionamento.

A análise das informações obtidas e construídas foi realizada após cada etapa do trabalho. Utilizou-se, para análise dos dados, da técnica de análise de conteúdo, que, de acordo com Laville e Dionne (1999), não consiste em um método rígido. Os dados foram analisados e interpretados, tendo a preocupação com as suas particularidades. Para tanto, seguiram-se os seguintes passos: (a) transcrição das gravações; (b) leitura sistemática de todas as entrevistas; (c) identificação de dimensões

(o que existe ou não em comum na fala dos entrevistados); (d) codificação das diferentes dimensões para identificá-las; e (e) organização das dimensões codificadas em categorias de objetos significantes (Silverman, 1994).

A análise de conteúdo, para Vergara (2005), compreende três etapas: (a) pré-análise – seleção do material e definição dos procedimentos a serem seguidos; (b) exploração do material – implementação dos procedimentos definidos na pré-análise e tratamento de dados; e (c) interpretação – geração de inferências e dos resultados da investigação, quando as suposições serão ou não confirmadas. O procedimento básico da análise de conteúdo, segundo essa autora, refere-se à definição de categorias que são rubricas ou classes, as quais reúnem um grupo de elementos sob um título genérico, agrupamento esse efetuado em razão de caracteres comuns desses elementos. As categorias podem ser: exaustivas – inclusão de praticamente todos os elementos; mutuamente exclusivas – cada elemento poderá ser incluído em uma única categoria; objetivas – definidas de maneira precisa para evitar dúvidas de distribuição dos elementos; e pertinentes – adequadas ao objetivo da pesquisa.

## Resultados

Acreditou-se que o programa de comunicação virtual entre integrantes de ITCPs poderia subsidiar uma primeira filtragem das relações formais estabelecidas na Rede de Incubadoras. Contudo, sabe-se que esse canal de comunicação não representa a totalidade das relações entre as ITCPs e nem se constitui o único meio de relacionamento entre elas.

Após a categorização das mensagens eletrônicas em: (a) Relação direta ou (b) Comunicação, os dados foram lançados e processados no *software* PAJEK, que, além de estruturar um sociograma com esses dados, nos forneceu um cálculo da centralidade dos atores da Rede de ITCPs a partir dos contatos estabelecidos no grupo virtual de mensagens. Vale ressaltar que, para que uma mensagem virtual fosse classificada como sendo de “relação direta”, ela deveria apresentar uma relação direta – remetente/destinatário; ou seja, esteve em análise, neste primeiro momento, apenas a relação formal, por meio virtual, estabelecida entre duas ou mais incubadoras, não nos importando o caráter ou o conteúdo da mensagem. Assim, não foram interesse deste estudo mensagens que divulgavam informações, tais



entrevistadas, forneceu dados relevantes para toda a pesquisa, os quais podem ser verificados no Gráfico 1.

Constata-se, assim, o número de ITCPs por estrato, divididas por região, o que ilustra o maior número das incubadoras pioneiras no Sul e Sudeste brasileiro. Constata-se, também, expansão significativa de novas incubadoras filiadas à Rede no Nordeste, passando de três ITCPs pioneiras e intermediárias para oito incubadoras com a entrada das novatas.

Após selecionadas, as ITCPs foram procuradas, passando-se, então, para a realização das entrevistas semiestruturadas. Todas as entrevistas foram registradas e posteriormente fichadas com base nas categorias de análise. Tais categorias seguiram as propostas de Kramer e Faria (2007) sobre a constituição dos vínculos sociais nas organizações, tendo como base, para tal proposta, os preceitos da Psicossociologia, em especial Eugène Enriquez, estruturando, dessa forma, o modelo investigativo deste estudo apontado anteriormente. Contou-se com oito categorias que serviram de norte para as entrevistas. Assim, analisou-se e interpretou-se o repertório de respostas dos participantes da pesquisa às questões abordadas na entrevista semiestruturada. As categorias utilizadas, tendo como contexto a Rede de ITCPs, são apresentadas na Tabela 1.

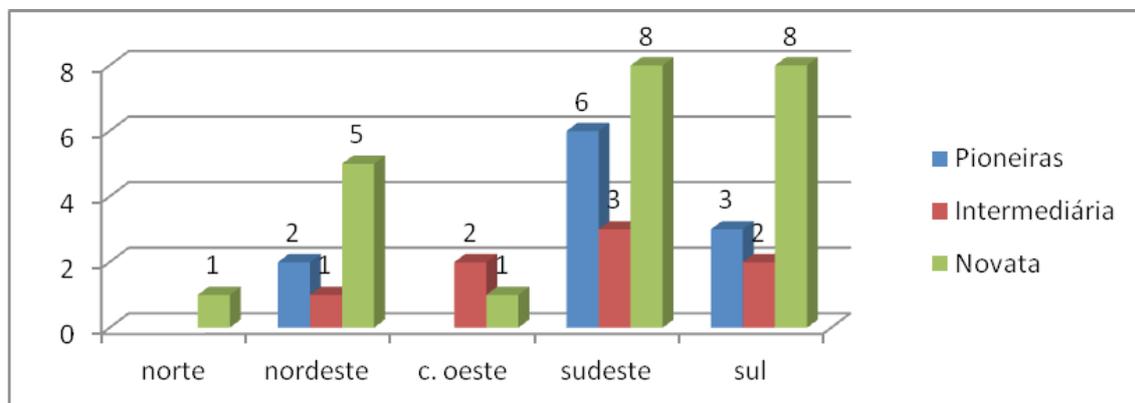
Foram utilizados fragmentos literais de fala dos entrevistados, relacionando-os às passagens teóricas sobre os vínculos sociais e as Redes sociais ao processo de constituição e manutenção da Rede Universitária. Como forma de ilustrar cada categoria estudada, serão apresentados, de modo ilustrativo para cada

categoria, fragmentos dos relatos das entrevistas realizadas (veja Tabela 2).

No que tange aos vínculos constituintes da Rede de ITCPs, pode-se dizer que esses estão para a ordem do estabelecimento de um projeto coletivo, estando intimamente interligados aos aspectos de identificação e idealização já mencionados. Neste ponto, pode-se dizer que, a partir do estudo aqui realizado, a Rede Universitária tem suas bases fundantes na construção e consolidação da Economia Solidária e no Cooperativismo Popular.

Outro fator que se apresenta como indicador dos vínculos de constituição da Rede é o caráter de igualdade entre as entidades pertencentes a essa estrutura. O pertencimento da ITCP na estrutura da Rede demonstra sinais de uma vinculação pela via da identificação entre iguais, em que as incubadoras se reconhecem na Rede e nas entidades constituintes das mesmas organizações similares. Próximo a esse fato, o propósito pelo fortalecimento de uma extensão universitária compromissada com o social indica a tônica de diversas incubadoras, o que equaliza um possível diálogo.

Pode-se dizer, ainda, que uma das bases dos vínculos sociais constituintes da Rede Universitária está na identificação entre entidades iguais e, principalmente, nos objetivos orientadores da ação desse grupo, o que, para um dos entrevistados, denomina-se como “identidade de princípios”. Tal denominação parece sinalizar para aspectos relatados pelos entrevistados como sinais que se referem à estrutura constitutiva dessa organização, que, apesar de não se encontrar, fisicamente, constituída, demonstra sinais reais e efetivos



**Gráfico 1.** Número de ITCPs estratificadas por região.

**Graph 1.** Number of ITCPs stratified by geographic region in Brazil.

Fonte: Dados da Pesquisa.

**Tabela 1.** Categorias analíticas da pesquisa.  
**Table 1.** Analytical categories of the research.

<b>Categoria</b>	<b>Contextualização</b>
Identificação com a organização	Compreender como ocorre a identificação das incubadoras com a Rede que elas compõem.
Idealização da organização	Figura na esfera da crença, com a presença de aspectos como a imagem e o conceito que as incubadoras têm da Rede de ITCPs.
Sentimento de pertença	Sensação que possibilita estabelecer a identidade da Rede e de cada incubadora como sendo integrante da estrutura.
Cooperação na atividade e solidariedade	Pode ser entendida na forma da contribuição individual para a realização de uma tarefa grupal ou coletiva.
Criação de inimigos	O estabelecimento de figuras a serem vencidas ou superadas pode fortalecer os vínculos pelo reforço dos sentimentos de identificação e pertença.
Participação nas decisões	Indica o grau de controle que cada entidade possui sobre diversos elementos da Rede.
Integração entre os membros	Processos de contato e relacionamento, formal e informal entre os membros da Rede Universitária.
Autonomia	Entendimento do grau de dependência e independência das incubadoras em referência à Rede universitária.

Fonte: Adaptado de Kramer e Faria (2007).

de uma estrutura horizontalizada, primando pela participação e autonomia.

Sobre os vínculos sociais mantenedores, os quais podem nos dar indicações acerca dos fatores que fazem a dinâmica cotidiana das inter-relações acontecer e se manter, auxiliando-a na continuidade da estrutura de funcionamento da Rede de ITCPs, têm-se indícios de que dois aspectos emergem como centrais nessa direção, a saber, troca de informações e experiência e representatividade política.

Os mecanismos de troca de informações e experiência, sejam elas específicas, sobre assuntos temáticos, ou mesmo de divulgação de editais e projetos, propiciam um intercâmbio entre as entidades de modo a assegurar benefícios efetivos às incubadoras. Ou seja, como foi possível se constatar pela análise das mensagens virtuais analisadas e em falas coletadas, as entidades afiliadas à Rede ITCP compartilham informações das mais diversas. No caso específico de editais, verifica-se que, mesmo sendo entidades pares, as incubadoras concorrem entre si para verbas e apoio a projetos. Contudo, não se observam restrições à comunicação e divulgação de tais fatos dentro da Rede.

Sobre a representatividade, pode-se dizer que a Rede foi criada como uma forma de difundir as experiências das incubadoras que já estavam funcionando, para garantir um intercâmbio teórico e metodológico e assegurar uma interlocução unificada das incubadoras, especialmente com o governo federal, buscando representação legítima diante, especialmente, da FINEP. Assim, as incubadoras se vinculam à Rede por intermédio de um pacto de princípios coletivos de luta e conquista, buscando, por meio de ações coletivas de representatividade, expandir e estruturar uma extensão universitária realmente comprometida com o social e amparada por uma vinculação política, que direciona o funcionamento horizontal e participativo da Rede Universitária de Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares. Tal representatividade visa a benefícios a todos os atores que figuram nessa Rede.

### Considerações gerais

Após vencidas todas as etapas deste estudo, pôde-se verificar que a Rede Universitária de Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas

**Tabela 2.** Falas indicativas.  
**Table 2.** Indicative speech.

<b>Categoria</b>	<b>Fragmentos dos relatos</b>
Identificação com a organização	<p><i>"Acredito que se não estivéssemos vinculados à rede não seria possível ter caminhado metade que caminhamos com as demais incubadoras"</i> (E.E).</p> <p><i>"as incubadoras são a Rede e a Rede são as incubadoras"</i> (E.J).</p> <p><i>"[...] identidade se dá por uma construção coletiva que se deu no caminhar todo da Rede."</i> (E.B).</p>
Idealização da organização	<p><i>"A rede é vista por mim como uma rede. Na melhor concepção da palavra."</i> (E.J).</p> <p><i>"A rede é um porta-voz do conjunto de incubadoras."</i> (E.I).</p> <p><i>"A rede é um pacto político."</i> (E.A).</p> <p><i>"É uma rede virtual e não formal"</i> (E.E).</p>
Sentimento de pertença	<p><i>"As incubadoras buscam intercâmbio e aqui [na Rede] você acha"</i> (E.H).</p> <p><i>"A incubadora se sente parte da Rede e achamos importante fazer parte da Rede. Não temos intenção alguma de sair da Rede."</i> (E.F).</p>
Cooperação na atividade e solidariedade	<p><i>"na Rede, o intercâmbio acontece."</i> (E.K).</p> <p><i>"Na relação com outras, existe contato só com algumas. Mas sempre que precisamos recorremos a outras ITCPs."</i> (E.C).</p>
Criação de inimigos	<p><i>"a Rede ajuda a disseminar a Economia solidária e o cooperativismo, pontos contrários ao capitalismo"</i> (E.K).</p> <p><i>"a ideia é superar os problemas sociais que temos no país"</i> (E.G).</p> <p><i>"existem muitas coisas que ainda precisamos superar e na Rede isso fica mais fácil"</i> (E.D).</p>
Participação nas decisões	<p><i>"A participação nas decisões é de todos [...] às vezes fica duas horas em cima da mesma coisa, [...] até todo mundo falar."</i> (E.F).</p> <p><i>"A Rede foi pensada e age para a participação de todos. Só não participa quem não quer! Ou não pode."</i> (E.D).</p>
Integração entre os membros	<p><i>"A relação é também baseada nos princípios, o que ajuda as incubadoras a se relacionarem."</i> (E.J).</p> <p><i>"têm grupos que tem mais afinidades e outros nem tanto, o que já direciona a relação. Existe um ponto comum que faz uma relação mais estreita, por exemplo, no trabalho com grupos iguais."</i> (E.G).</p>
Autonomia	<p><i>"Temos ações independentes, como a própria escolha dos grupos que vão ser incubados, e também qual metodologia vai usar."</i> (E.E).</p> <p><i>"Cada incubadora tem a autonomia necessária. A rede tem que garantir total liberdade para as incubadoras."</i> (E.G).</p>

Fonte: Resultados da pesquisa.

Populares cumpre um papel social e educacional importante para o contexto brasileiro. Além dessa observação, pode-se constatar, a partir das intenções iniciais do estudo, que eram identificar e apresentar os elementos vinculares que auxiliaram na constituição e na manutenção da Rede Universitária de ITCPs, que tal entidade figura como uma Rede social de fato devido à sua função social, ferramentas de comunicação, interação e governança.

Ao final deste estudo, faz-se necessário demarcar que esse possui limitações no modo de generalização de suas considerações, visto que o universo atual da Rede figura com 42 entidades e, dessas, apenas 13 incubadoras foram contempladas nesta pesquisa. Assim, este trabalho pode servir como indicativo de aspectos de interesse e atuação da Rede sem, entretanto, ser considerado como verdade absoluta e irretocável da realidade das incubadoras.

Mesmo porque, sabe-se que a vivência cotidiana de cada ITCP é única e independente. Tais questões demarcam a opção por não se tocar em análises políticas e/ou pessoais relativas ao contexto deste estudo.

Desse modo, pode-se dizer, a partir dos indicativos verificados ao longo deste trabalho, que tal Rede foi amparada em vínculos constitutivos, que primavam pelo estabelecimento de um projeto coletivo, estruturado na construção e na consolidação da Economia Solidária e no Cooperativismo Popular.

Esse fato é amparado em princípios basilares, tais como: a vinculação pela via da identificação entre iguais e a idealização embasada em um “pacto político” entre os integrantes das incubadoras filiadas à Rede Universitária. Essa noção é entendida aqui como sendo tudo o que diz respeito ao âmbito coletivo/comunitário. Ou seja, desde o início das atividades das incubadoras, os participantes vivenciam uma construção coletiva de objetivos consensuados, ainda que o consenso venha, por muitas vezes, por meio de conflitos e discussões de opiniões divergentes.

Quando são analisados os aspectos dos vínculos mantenedores de tal estrutura, percebem-se indícios que sinalizam para a busca da manutenção acontecendo frente a um processo de crescimento de sua estrutura, haja vista o número de 42 ITCPs filiadas no ano de 2009.

Nesse sentido, observa-se que, atualmente, a Rede de ITCPs se mantém, a partir dos relatos coletados, pela troca de informações e experiências e pela representatividade política que proporcionam a seus atores.

Um fato a ser definido com importância é o de que essa Rede é constituída e mantida sem um espaço físico demarcado, sem formalização legal, sem estruturas centrais e hierarquizadas. Assim, mesmo sem tais dimensões e formato tradicional, a Rede Universitária consegue agir de modo particular, independente e com certa efetividade. E sua atuação ganha cada vez mais abrangência nacional e com repercussão internacional.

Outro aspecto relevante é o caráter histórico e inovador da atuação das incubadoras de cooperativas populares. A tecnologia de incubação, como a praticada dentro da Rede Universitária, não possui precedentes e é totalmente nacional. Esse fato pode ser verificado por meio dos recentes contatos estabelecidos junto a integrantes das ITCPs com entidades de outros países, a saber, França, Alemanha, Uruguai e Canadá, entre outros.

Diante do cenário indicativo que se pôde acessar no presente estudo e tomando-se a conceituação de Rede social trabalhada neste estudo, pode-se dizer que a Rede de ITCPs parece representar um conjunto de participantes autônomos, os quais se unem por intermédio de ideias e recursos em torno de valores e interesses compartilhados. Assim, como já afirmado anteriormente, a Rede Universitária de Incubadoras demonstra sinais de ser uma Rede social de fato devido às suas relações, internas e externas, que figuram como nós e pontes na estrutura estudada. Esse ponto é ilustrado nas interações entre os nós, seja pela comunicação formal, seja nos encontros, seja nos projetos, ou ainda nas proposições e objetivos que unem as incubadoras no discurso unificador da Rede Universitária.

Entretanto, alguns aspectos precisam ser observados com certo cuidado no funcionamento da Rede. O fator interno comunicativo da Rede, como apresentado em relatos dos entrevistados, demonstra sinais de que precisa ser aprimorado e utilizado de modo mais eficiente e eficaz, podendo, em um futuro próximo, auxiliar ainda mais a consolidação e ampliação da Rede e dos princípios com os quais ela trabalha. Outro aspecto diz respeito a políticas que garantam uma participação mais efetiva de mais envolvidos na Rede, a fim de disseminar seus preceitos e de se consolidar como perspectiva de atuação.

Desse modo, indica-se como estudo futuro um aprofundamento dos aspectos relacionais entre os vínculos aqui estudados e suas influências na dinâmica gestonária da Rede, bem como um maior detalhamento desses aspectos pela via da compreensão e expectativa das incubadoras recém-filiadas à Rede. Essa última consideração é respaldada pelas considerações presentes nas entrevistas aqui realizadas, as quais indicavam para uma mudança constante e, às vezes, preocupante com a dinâmica de entrada de entidades com perfil diferenciado aos das incubadoras mais antigas.

Sendo assim, de modo sucinto, acredita-se que a Rede Universitária se paute, por um triplo objetivo: intercambiar, difundir e representar. E que tais aspectos dão fortes sinais de terem sido forjados junto a princípios como: (a) trabalhar com autonomia; (b) compromisso com a transformação; e (c) ter diversidade.

Neste turno, conclui-se este trabalho com a crença de que ele poderá contribuir sobremaneira para a dinâmica da Rede, seja no aspecto vincular, identitário e comunicativo. Quanto

aos vínculos, pode-se dizer que o seu conhecimento, ou mesmo o simples questionamento sobre os aspectos que fazem um grupo se unir e se manter, pode auxiliar para o reconhecimento histórico e, ainda, para melhorias futuras das organizações envolvidas, seja na recepção de novas entidades, seja na comunicação interorganizacional, seja na perpetuação de suas propostas e políticas.

## Referências

- ALMEIDA, M. 2005. The evolution of the incubator movement in Brazil. *International Journal of Technology and Globalisation*, 1(2):17-32. <http://dx.doi.org/10.1504/IJTG.2005.007054>
- BARNES, J.A. 1987. Redes sociais e processo político. In: B. FELDMAN-BIANCO (orgs.), *Antropologia das sociedades contemporâneas: métodos*. São Paulo, Global, p. 141-156.
- BARROS, J.F. de. 2003. *Rede Universitária de Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares: projeto societário e projeto educativo*. Rio de Janeiro, RJ. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal Fluminense, 207 p.
- BOGDAN, R.; BIKLEN, S. 1994. *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto, Porto Editora, 336 p.
- BURT, R.S. 1992. *Structural Holes*. Cambridge, Harvard University Press, 227 p.
- CRUZ, A. 2004. É Caminhando que se faz o Caminho – diferentes metodologias das incubadoras tecnológicas de cooperativas populares no Brasil. *CAYAPA Revista Venezuelana de Economía Social*, 4(8):38-57.
- DABAS, E.N. 1995. A Intervenção em rede. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 6:5-17.
- DABAS, E.N. 1997. Red social, sistema familiar y aprendizaje. *Sist. Familiares*, 3(13):63-69.
- ENRIQUEZ, E. 1991. *Da horda ao Estado*. 2ª ed., Rio de Janeiro, J. Zahar, 404 p.
- ENRIQUEZ, E. 1997. *A organização em análise*. Petrópolis, Vozes, 302 p.
- ENRIQUEZ, E. 2001. O vínculo grupal. In: A. LÉVY et al., *Psicossociologia; análise social e intervenção*. Belo Horizonte, Autêntica, p. 32-45.
- FERNANDEZ, W.J.; SVARTMAN, B.; FERNANDEZ, B.S. (orgs.). 2003. *Grupos e Configurações Vinculares*. Porto Alegre, Artmed, 157 p.
- FREEMAN, R.L. 2002. *The development of social network analysis: a study in sociology of science*. North Charleston, Booksurge, 184 p.
- GRANOVETTER, M. 1974. *Getting a Job: A Study of Contacts and Careers*. Cambridge, Harvard University Press, 251 p.
- GRANOVETTER, M. 1983. The Strength of Weak Ties: A network theory revisited. *Sociological Theory*, 1201-233.
- GRANOVETTER, M. 1985. Economic action and social structure: the problem of embeddedness. *American Journal of Sociology*, 91(3):481-510. <http://dx.doi.org/10.1086/228311>
- GRANOVETTER, M.; CASTILLA, E.; HWANG, H.; GRANOVETTER, E. 2000. Social networks in Silicon Valley. In: C.M. LEE; W.F. MILLER; M.G. HANCOCK; H.S. ROWEN (eds.), *The Silicon Valley Edge*. Stanford, Stanford University Press, p. 218-247.
- GUARESCHI, P. 1999. Pressupostos Psicossociais da Exclusão: competitividade e culpabilização. In: B. SAWAIA (org.), *As Artimanhas da Exclusão Social: análise psicossocial e ética da desigualdade social*. Petrópolis, Vozes, p. 141-156.
- GUIMARÃES, G. 2000. Incubadoras tecnológicas de cooperativas populares: contribuição para um modelo alternativo de geração de trabalho e renda. In: P. SINGER; A.R. DE SOUZA (orgs.), *A economia solidária no Brasil: a autogestão como resposta ao desemprego*. São Paulo, Contexto, p. 111-122.
- GUIMARÃES, G. (coord.) 2002. *Ossos do ofício: cooperativas populares em cena aberta*. 2ª ed., Rio de Janeiro, ITCP/COPPE/UFRJ, 98 p.
- JUNQUEIRA, L.A.P. 1996. *Mudança uma causa compartilhada: do ERSA ao SUS*. São Paulo, SP. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 187 p.
- KRAMER, G.G.; FARIA, J.H. de. 2007. Vínculos organizacionais. *Revista de Administração Pública RAP, Rio de Janeiro*, 41(1):83-104.
- LAVILLE, C.; DIONNE, J. 1999. *A construção do saber*. Belo Horizonte, Editora UFMG, 340 p.
- OLIVEIRA, B.A.M. 2006. *As cooperativas populares e seus desafios, limites e possibilidades: casos de cooperativas da cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, RJ. Tese de Doutorado. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 175 p.
- PAGÈS, M. 1976. *A vida afetiva dos grupos*. Petrópolis, Vozes, 187 p.
- PAJEK. [s.d.]. Versão 1.24 Program for Analysis and Visualization of Large Networks. Reference Manual List of commands with short explanation version 1.24.
- PICHON-RIVIÈRE, E. 1988. *Teoria do vínculo*. 3ª ed., São Paulo, Martins Fontes, 181 p.
- SCOTT, J. 1992. *Social network analysis*. Newbury Park, Sage Publications, 210 p.
- SILVERMAN, D. 1994. *Interpreting qualitative data: methods for analyzing talk, text and interaction*. Londres, Sage, 325 p.
- SINGER, P.; SOUZA, A.R. 2000. *A economia solidária no Brasil: a autogestão como resposta ao desemprego*. São Paulo, Contexto, 154 p.
- VERGARA, S.C. 2005. *Métodos de pesquisa em administração*. São Paulo, Atlas, 287 p.

Submetido: 12/09/2011

Aceito: 03/07/2012